



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I –CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

PAULO FELIPE VELEZ DA SILVA

O PROBLEMA DO MAL EM SANTO AGOSTINHO

**CAMPINA GRANDE
2022**

PAULO FELIPE VELEZ DA SILVA

O PROBLEMA DO MAL EM SANTO AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Filosofia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Paulo Felipe Velez da.
O problema do mal em Santo Agostinho [manuscrito] /
Paulo Felipe Velez da Silva. - 2022.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia . 2. Teologia . 3. Mal. 4. Livre-arbítrio. 5. Deus.
I. Título

21. ed. CDD 189

PAULO FELIPE VELEZ DA SILVA

O PROBLEMA DO MAL EM SANTO AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Filosofia.

Aprovada em: 25/3/2022.

BANCA EXAMINADORA

Maria Simone Marinho Nogueira

Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Janduí Evangelista de Oliveira

Prof. Dr. Janduí Evangelista de Oliveira (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Amanda Oliveira da Silva

Prof. Ms. Amanda Oliveira da Silva (Examinadora)
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Ao meu Deus por ter me sustentado até aqui, a minha esposa Raylla por todo cuidado e carinho, e a todos meus familiares, DEDICO.

“[...] eu, porém, estava ansioso para
conhecer a origem do mal”
(AGOSTINHO, 2002, p.180).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	TRADIÇÃO FILOSÓFICA E TRAJETÓRIA DE AGOSTINHO	7
3	CONFISSÕES - LIVRO VII: PROBLEMA DO MAL.....	11
4	LIVRE ARBÍTRIO: RESPOSTAS AO PROBLEMA DO MAL.....	14
5	LIVRE-ARBÍTRIO: RESPOSTA PELO CRER E ENTENDER.....	15
6	LIVRE-ARBÍTRIO - LIVRO III: O MAL COMO ESCOLHA LIVRE.....	16
7	CONCLUSÃO	17
	REFERÊNCIAS	18

O PROBLEMA DO MAL EM SANTO AGOSTINHO

THE PROBLEM OF EVIL IN SAINT AUGUSTINE

Paulo Felipe Velez da Silva^{1*}

RESUMO

Este artigo apresenta os fundamentos da possível resolução do problema do mal no pensamento de Santo Agostinho. Para estabelecer a compreensão do problema do mal ele se debruça em explicar questões importantíssimas para sua filosofia, a saber: a soberania de um Deus bom, poderoso e sabedor de todas as coisas, assim como o conceito do livre-arbítrio, ou seja, a vontade livre dada por Deus ao homem. O hiponense transitou por diversas correntes filosóficas e religiosas, tendo como principais; o maniqueísmo e o neoplatonismo. Entretanto, Agostinho não se contenta com as respostas dadas por essas correntes acerca do problema do mal. Sendo assim, este TCC trabalha a exposição da busca incessante de Agostinho em desenvolver um pensamento que trouxe luz à problemática que foi levantada por Epicuro na antiguidade e que se estende até sua época. Portanto, o retórico africano, através do pensamento neoplatônico e sob a influência do pensamento judaico-cristão, tenta responder o problema do mal, de modo a harmonizar o Deus cristão, que é bom, todo-poderoso e sabedor de todas as coisas, com a existência do mal.

Palavras – chave: Filosofia. Teologia. Mal. Livre-arbítrio. Deus.

ABSTRACT

This article presents the foundations of the possible resolution of the problem of evil in the thought of Saint Augustine. To establish the understanding of the problem of evil, he focuses on explaining very important questions for his philosophy, namely: the sovereignty of a good, powerful and all-knowing God, as well as the concept of free will, that is, the free will given by God to man. Augustine passed through several philosophical and religious currents, having as main the Manichaeism and Neoplatonism. However, Augustine is not satisfied with the answers given by these currents about the problem of evil. Therefore, this paper works to expose Augustine's incessant search to develop a thought that brought light to the problem that was raised by Epicurus in antiquity and that extends to his time. Therefore, the African rhetorician, through Neoplatonic thought and under the influence of Judeo-Christian thought, tries to answer the problem of evil, in order to harmonize the Christian God, who is good, all-powerful and all-knowing, with the existence of evil

Keywords: Philosophy. Theology. Evil. Free will. God

^{1*} Graduando em Filosofia pela UEPB.

1 INTRODUÇÃO

O problema do mal sempre foi um tema bastante pertinente dentro da filosofia, pois tal questão traz ênfase ao pensamento ontológico acerca da existência humana, temática explorada até os dias de hoje por inúmeros pensadores. Agostinho tomado por tal questionamento inicia sua caminhada na busca de respostas acerca da existência do mal.

Epicuro, filósofo antigo, desenvolve um paradoxo acerca da origem do mal e de Deus. Pois bem, segundo ele, não é possível conceber a ideia de um Deus todo poderoso, sabedor de todas as coisas, e bom, com a existência do mal. Agostinho, no início de sua jornada, busca satisfazer seus anseios e se depara com o maniqueísmo. O maniqueísmo era uma seita que entendia o universo a partir de uma luta cósmica e incessante entre o bem e o mal. Explicando assim que toda existência, inclusive o mal, se dá por tal equilíbrio entre as forças do bem e do mal. Agostinho não convencido disso, devido alguns questionamentos levantados por ele que ficaram em aberto, busca respostas em outras fontes até chegar no neoplatonismo.

Agostinho percebe que a filosofia plotiniana, considerada neoplatônica, sobre o universo com a ideia de emanção de todas as coisas a partir do Uno, isto é, Deus, estava mais próxima daquilo que ele buscava, apesar de Plotino ainda ter raízes profundas no dualismo platônico. No meio dessa busca, Agostinho começa a ser influenciado pelos escritos judaico-cristãos, tendo contato também com as cartas paulinas, em especial a carta aos “Romanos”. Toda essa influência o fez mudar radicalmente sua postura como indivíduo e como pensador. Por fim, desenvolve respostas que para ele são satisfatórias. Em seu livro *Confissões*, destaca alguns questionamentos do início das suas inquietações sobre o problema do mal, tema que será longamente explorado em outra obra que é *O Livre-Arbítrio*. Nesta segunda obra ele trabalha a questão da origem do mal de maneira detalhada, identificando cada possível lacuna para tal pensamento e respondendo todas as possíveis falhas.

Desse modo, Agostinho chega a uma resposta que para ele é suficiente na resolução do problema acerca da origem do mal, entendendo que tudo que Deus criou é bom, de modo que o mal não é criado por Deus, o mal segundo Agostinho é a ausência do bem, sendo uma depravação do que é criado por Deus, e essa possibilidade do mal tem um motivo que é a bem-atitude, ou seja a livre vontade que traz a responsabilidade humana em suas escolhas em busca ou não do bem superior que seria o próprio Deus, a escolha pelas coisas inferiores seria exatamente os bens menores e que portanto são corruptíveis, pois não é o Criador(Deus), mas sim a criatura(coisa).

2 TRADIÇÃO FILOSÓFICA E TRAJETÓRIA DE AGOSTINHO

Ao longo de toda história da filosofia ocidental é possível observar filósofos que se interessaram pelo problema ontológico e teológico acerca do conceito do “mal”, dentre eles, Agostinho. Entretanto, ele não é o primeiro a se debruçar sobre essa questão, pois na antiguidade já era possível contemplar ideias que inclusive geraram novos conceitos e problemas filosóficos do qual, posteriormente, Agostinho irá aprimorar e aperfeiçoar. Pois bem, Epicuro de Samos – filósofo que viveu na antiguidade – desenvolveu diversos pensamentos, dentre eles o trilema do “paradoxo acerca de deus”. Tal teoria problematiza a lógica da existência de um Deus todo-poderoso, sabedor de todas as coisas e sumamente bom, mas que

coabita mutuamente com a existência do mal. Sendo assim, para provar a não-existência de Deus, Epicuro desenvolve algumas premissas lógicas da seguinte forma:

Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso: o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente: portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus. Donde provém então a existência dos males? Por que razão é que não os impede? (EPICURO, 1985, p. 63).

Por conseguinte, é de fato desafiador do ponto de vista filosófico a busca pela solução racional dessa problematização, pois ao pensar em um deus todo-poderoso e bom é razoável concluir que o mal não pode ter sido criado por este “ser supremo” que é poderoso, conhecedor de todas as coisas e bom. Pois ao criar o mal temos problemas acerca da sua “bondade”, ao passo que se o mal existe, mas não o extingue, então, não tem poder suficiente ou não tem conhecimento pleno para tal, o que anula sua divindade absoluta de deus supremo. Esses são alguns problemas que o futuro Bispo de Hipona enfrentou na sua busca.

Falando brevemente sobre Agostinho, pode-se ressaltar as suas experiências efêmeras que tivera na sua infância como, por exemplo, sua desobediência para com sua mãe (mulher de fé) e o seu caráter inclinado a não seguir o caminho da religião cristã, além da impulsividade existencial que existia dentro de si na busca da “essência verdadeira” que o completasse. Agostinho tinha muitas dúvidas e questionamentos, sua vida foi sempre acompanhada por muitas buscas, estudos e conhecimento, pois ele sentia de fato que faltava algo que o fizesse repousar tranquilo. Dessa forma, tendo mãe cristã, o Hiponense por influência dela se debruça na leitura do antigo testamento Bíblico, que estudou na sua adolescência. Entretanto nada mudou dentro de si, pois naquele momento os textos bíblicos não faziam sentido algum para ele. Dessa forma, decide aventurar-se aos estudos acadêmicos, onde estudou lógica, física e retórica, consecutivamente, e tornou-se um grande professor de retórica, sendo bem visto no império Romano. Mas é por meio do seu encontro com os textos clássicos do filósofo Cícero², ainda no início de sua trajetória como estudioso, que ele desperta e se entrega intelectualmente a essa busca da verdade.

Em vista disso, Agostinho coberto de dúvidas acabou aproximando-se do maniqueísmo. Corrente de pensamento que dividia o mundo em dois extremos, e que separava o “bem” e o “mal” como uma espécie de dualismo moral, de modo que ambas as forças viviam em constante atividade de conflito. Agostinho também esteve próximo de doutrinas filosóficas gregas antigas.

Ainda sobre sua caminhada, mais especificamente acerca da vida amorosa, de modo geral, Agostinho teve um filho após seu envolvimento com uma mulher (concubina) aos 18 anos de idade, todavia seu relacionamento era tido como pecaminoso perante a igreja. Após o fim do relacionamento que durou 13 anos, ainda teve diversos casos com outras mulheres, tendo assim uma vida

² “Um dos acontecimentos fundamentais na vida de Santo Agostinho foi o encontro providencial com o sábio e mestre da retórica Cícero. Assim, [...], a leitura do diálogo Hortensio foi um dos elementos básicos da fé e da formação intelectual de Santo Agostinho e foi a leitura deste diálogo que levou Santo Agostinho a interessar-se e estudar Filosofia. Cícero forneceu para Santo Agostinho um vago conceito de Sabedoria que o fez ver que a felicidade não está no mundo material, mas no mundo espiritual.” (GUTIÉRREZ, 2021, p.178)

completamente desregrada, mergulhada no pecado e distante de uma conduta cristã aceitável, o que nos mostra como ele era pecador e inclinava-se no prazer dos seus desejos carniais.

Mormente, investigando o período em que Agostinho passou no maniqueísmo, pode-se identificar a intenção do mesmo em busca de respostas para seu vazio existencial que o inquietava física e racionalmente. Pois bem, na seita maniqueísta ele encontrou temporariamente respostas às suas angústias, o que perdura por nove anos. Sendo assim, Agostinho coberto de indagações e não achando respostas, acaba se rendendo ao maniqueísmo, o qual declara Deus como uma espécie de luz, ou seja, um ente corpóreo e as almas como partículas desta luz divina. Além disso, os maniqueístas entendiam o pecado humano como a não atribuição ao livre-arbítrio, destinando isso ao princípio universal do mal que atua também no homem, conceito esse que no futuro será refutado por Agostinho.

Dessa maneira, aos dezenove anos Agostinho ingressa no maniqueísmo³, seita pautada portanto em ensinar solução unicamente racional do mundo, justificando existencialmente o mal e conduzindo seus seguidores a uma fé por meio da razão. Além disso, o maniqueísmo constituído pelo profeta persa Mani, também conhecido como Manes ou Maniqueu no século III, embasa-se no materialismo e dualismo radical por meio de sua elaboração sobre o bem e o mal, que alcança os princípios ontológicos. Agostinho ao longo do tempo em que permaneceu ali foi percebendo lacunas dentro do maniqueísmo, não mais satisfeito plenamente com suas respostas, começou a se inquietar, apesar disso, outros seguidores que estavam na seita acabaram convencendo-o de permanecer pelo menos até encontrar-se com um grande mestre maniqueísta chamado Fausto, que supostamente teria as respostas às perguntas de Agostinho, entretanto não foi isso que aconteceu. Fausto ao encontrar-se com Agostinho não consegue responder suas perguntas de maneira convincente, o que o deixou extremamente decepcionado, fazendo-o abandonar tais pensamentos.

Destarte, Agostinho como professor de retórica e bem conhecido no império, por meio da sua habilidade na retórica viaja por diversos lugares. Quando chega em Milão, vai até uma igreja cristã ouvir o Bispo Ambrósio pregar, Bispo muito conhecido naquela época por ter uma maneira de pregação ímpar, ou seja, Agostinho como retórico quer ouvi-lo não com cunho religioso, mas acadêmico, de modo a observar unicamente suas técnicas na retórica. Por conseguinte, aos poucos Agostinho passa a entender melhor e de modo racional o cristianismo. Após uma visita de Mônica, sua mãe, em Milão, a pedido da mesma, Agostinho deixa a concubina e, de certo modo já tolhido dos valores cristãos, começa de modo sutil a demonstrar traços, mesmo que de maneira velada, a sua remição ao cristianismo. Além do mais, Agostinho começa a ter contato com obras neoplatônicas, das quais recebe grande influência, além disso deve-se lembrar de que seu contato com as cartas do Apóstolo Paulo também foi fundamental para sua conversão intelectual ao cristianismo, especialmente a carta aos Romanos.

³ “O espírito racionalista de Agostinho sentia-se mais à vontade entre os maniqueus do que entre os cristãos, devido ao caráter acentuadamente materialista da metafísica dessa seita, e à consequente afinidade com suas próprias concepções acerca de Deus e da alma. Segundo a doutrina de Manés, Deus é luz, vale dizer: um ente corpóreo. As almas humanas são meras partículas desta luz divina, desterradas para os corpos visíveis. Este materialismo foi a fonte principal dos erros de Agostinho neste período de sua vida [...]” (BOEHNER e GILSON, 2012, p. 143-144)

Posto isto, Agostinho teve contato com as obras de Plotino, mais precisamente as “Enéadas”⁴. De acordo com Alda Maria S. de Souza: “No caminho percorrido pelo futuro bispo, fica clara a relação das referidas obras com cristianismo, e o pensamento neoplatônico causou em seu próprio caminho de conversão.”

Pois bem, Plotino, filósofo nascido em Licópolis, no Egito, influenciado pela academia de Platão no final do período antigo, desenvolve o seu pensamento pautado na ideia de o único “ser superior”, do qual emana todas as demais coisas. O que faz dele posteriormente ser reconhecido como um neoplatônico. Vejamos um dos pensamentos que o influenciaram:

Na sua antropologia, Platão conceitua o homem de forma dualista. Ele o divide em alma e corpo. Entretanto, o que o define é a sua alma, principalmente porque é princípio de vida. A alma se mostra como algo divino por ser a única capaz de contemplar o que realmente é perfeito pelo fato de não se encontrar na condição de potencialidade (LOPES FEITOSA, 2017, p.2).

Ademais, Plotino tenta explicar o mundo através do conceito de um único Ser ou essência da qual emana dela todas as outras coisas de maneira expansiva. De modo que os seres mais distantes do Ser (Uno) estariam menos ligados a ele, o que poderia conseqüentemente acarretar no bem menor, de modo sucessivo até gerar o princípio do mal. Também vale ressaltar que para Plotino não é possível falar sobre o Uno, pois, tudo que é falado sobre o Ser na realidade será o que ele não é, e que o seu retorno só era possível por meio do esvaziamento material, ou seja, o despreendimento carnal e a busca pelo Uno, não pela razão, que lhe dá apenas a compreensão, mas pelo alcance do conhecimento, que é possível somente pelo êxtase, não como um estado irracional, mas como uma união mística entre alma e o princípio que se une ao Ser.

Antes de todas as coisas tem de existir o Simples, diferente de tudo o que dele advém, auto existente, e no entanto capaz de estar presente nessas outras ordens. Ele tem de ser uma autêntica unidade: não apenas algo elaborado em uma unidade, e que seria uma falsificação da unidade. Não é possível conhecê-lo ou falar a respeito dele. Ele é descrito “além do Ser” ou “Sobre Ser” (PLOTINO, 2000, p. 55).

Plotino desenvolve o conceito das três hipóteses (divinas), isto é, das três substâncias eternas, a saber: O “Uno”, princípio único e último, anterior a toda expansão, ou seja, Deus ou Absoluto, de onde procedem e derivam todos os seres. Em segundo lugar; o movimento de expansão do “intelecto” derivado do Uno que surge por emanção, que consiste na inteligência que pensa a totalidade dos inteligíveis. E por fim, derivado dessa relação do Uno com o intelecto surge a “alma do mundo”, terceira hipótese, que não apresenta-se ainda como mundo material, mas um divisor entre o divino e o sensível.

Plotino apesar de não ter nenhum sentimento e intenção de fazer filosofia cristã, acabou de certo modo abrindo caminho para que Agostinho posteriormente viesse a apropriar-se e aperfeiçoar tal pensamento. As objeções que perpassam a vida do santo nos darão um caminho para compreender as bases que se solidificam na jornada de sua conversão intelectual e religiosa, que culminará nas suas

⁴ As Enéadas são a reunião dos cinquenta e quatro tratados que Plotino escreveu durante o tempo em que passou em Roma, estudando e debatendo de modo dialético as questões mais importantes para o entendimento da natureza divina e humana

declarações mergulhadas em fé e razão, buscando, assim, solucionar problemas existente entre o divino e o humano, a saber o problema do mal.

Pois bem, Agostinho, influenciado pelo neoplatonismo, cristianizou as ideias plotinianas, sobrepondo à figura do Uno a figura de Deus. Ele também defende que todos os seres e objetos sensíveis correspondiam a ideias presentes no divino. Sua teoria do conhecimento intensificava-se fortemente a oferecer provas racionais da existência de Deus, com o fundamento de toda a verdade. Quanto ao Inteligível, pensava na experiência mística, de modo que o homem contemplaria não apenas as ideias iluminadas pela luz divina, mas a própria luz, alcançando dessa forma a compreensão de Deus que é transcendental e por isso ultrapassa os limites do pensamento e linguagem humanos, pois, só por meio dessa busca em compreender Deus é que era possível entender os obstáculos e supostos paradoxo existentes no deísmo cristão.

3 CONFISSÕES - LIVRO VII: PROBLEMA DO MAL

Como foi exposto, o Hiponense influenciado pelo neoplatonismo e cristianismo percebe como o maniqueísmo não lhe dava respostas convincentes acerca da origem do mal, pois, ao contrário, as objeções maniqueístas pareciam para Agostinho um tanto simplórias. Além disso, ele percebe a grande contribuição que o pensamento neoplatônico poderia lhe oferecer, embora não resolvesse para Agostinho, de forma absoluta, a questão do mal, pois o mal para os neoplatônicos ainda estava atrelado ao Uno na sua expansão mais distante, no sentido de que tudo que existe no mundo provém do Uno, inclusive o mal, mesmo quando este é apresentado como ausência de Uno. O ponto importante do neoplatonismo, em especial de Plotino, que Agostinho apegou-se, foi a ideia do Uno por emanção ou processão, de onde as demais coisas surgem por expansão do Uno, entretanto de forma indireta, ou seja, por graus diferentes. Sendo assim, Plotino destaca a importância do Uno e da subsistência de todas as outras coisas em seu detrimento.

Todos os seres são seres em virtude do Uno, tanto os que são seres num sentido originário como aqueles dos quais se diz que num sentido qualquer são contados como seres. Com efeito, o que poderia existir se não houvesse a unidade? (PLOTINO, 1998, p. 533).

Mediante as hipóstases plotiniana, conhecidas de Agostinho, a busca pela superação da ideia materialista que ele possuía de Deus começa a acontecer, apesar de ter inicialmente uma ideia dotada de materialidade, pois atribuía a Deus um corpo, de modo a ocupar um espaço determinado, pensamento que foi sendo superado ao longo de sua trajetória.

Destarte, o filósofo Agostinho enfrenta a grande questão filosófica – problema do mal – que foi interpretado por Plotino como um princípio natural. O filósofo Hiponense tem muita dificuldade para aceitar essa tese, pois por meio da experiência percebe que existe o bem, mas de igual modo não pode negar a existência do mal, e ao mesmo tempo, de um Deus bom e poderoso, o que o torna para ele insustentável tal ideia plotiniana.

[...] apesar de Plotino ter definido o não-ser (ou o nada) como o “ilimitado”, o “informe”, o indeterminado, isso, para Agostinho, ainda não resolvia plenamente o problema do mal, por trata-se ainda de uma explicação natural, quando o coloca no universo físico ou na matéria; não que este seja o mal em si, como pensavam os maniqueus, mas o lugar onde o mal

acontece, já que ela é a possibilidade do mal, ou seja, a matéria é o mal enquanto potência e não enquanto ato (COSTA, 2002, p. 180).

Dessa forma, Agostinho não se contenta com a resposta dada por Plotino à origem do mal, pois para ele era insustentável a ideia do mal como algo natural num universo cristão, ou seja, num universo onde se encontra um Deus bom e poderoso. Portanto, sua busca pela verdade atravessa tanto o maniqueísmo tanto quanto o neoplatonismo, já que há insatisfação das respostas dadas por ambos os pensamentos, o que o faz ainda questionar; “Se tudo provém de Deus, que é o Bem, de onde provém o mal?” (OLIVEIRA, 1995, p.16).

A *priori*, Agostinho em sua juventude, no seu início da caminhada pela “A busca da verdade”, título dado ao livro VII das *Confissões*, foi tomado pela seita dos maniqueus, o que o distancia de pensar de forma clara e concreta sobre a natureza de Deus e do mal. A seita gnóstica tentava justificar os atos de Deus no Antigo testamento, a saber, a concepção sexual com várias mulheres, os assassinatos e massacres dos povos, e até mesmo o sacrifício de animais, tudo isso atrelado a um deus que também é mal. Outrossim, Agostinho tinha muitas dificuldades em conceber a ideia de um Deus que é espírito, sem largura e comprimento, e que não possui membros. Além disso, o maniqueísmo admitia a ideia de que o mal era de caráter materialista, ou seja, que existe o reino da luz e o reino das trevas. O maniqueísmo também apregoava a ideia de que não existia espaço para liberdade no universo, ou seja, tudo estava determinado pelos princípios do reino da Luz (Deus) e do reino das trevas (Matéria).

Ao passo que tinha contato com os livros neoplatônicos, Agostinho se distanciava da ideia de um deus corpóreo, conseqüentemente, ele começava a contemplar a ideia do mal de maneira não corpórea. Em seguida, temos Agostinho tomado pela crença em um Deus bom, de um Deus que criou todas as coisas boas a partir do nada “*ex nihilo*”⁵, sendo assim, uma única fonte originária.

Mas certa religiosidade que possuía me obrigava a crer que um deus bom não podia ter criado uma natureza má. Concluía daí que devia haver duas substâncias opostas entre si, ambas infinitas, sendo porém a má em medida mais limitada, e boa em medida mais ampla. E desse princípio peçonhento derivam todas as outras ideias errôneas. [...] Na minha ignorância, eu imaginava o mal, não só como substância corpórea, pois não sabia conceber um espírito, mas também como um corpo sutil que se difunde no espaço. [...] Em relação a ele nada eu acreditava, a não ser o que minha ignorância deixava conceder. [...] Eu, porém, incapaz de imaginar seres incorpóreos, estava como que preso e sufocado por aquelas duas substancias, sob cuja pressão procurava em vão aspirar o ar puro e límpido de tua verdade. (AGOSTINHO, *Confissões*, V, 10, 20, 2002, p. 130-131).

No livro VII das *Confissões*, Agostinho demonstra sua rejeição ao materialismo maniqueísta, em detrimento da ideia de Deus e do mal. Também mostra o momento de sua transição do materialismo ao neoplatonismo e até sua conversão ao cristianismo. Pois bem, diante dessa concepção, Agostinho vai, apesar dos questionamentos, se desvencilhando das ideias materialistas, aceitando assim a imutabilidade de Deus e se aproximando do Deus cristão, de modo a tratá-lo

⁵“Diferentemente do que era concebido pela concepção cosmológica-filosófica-naturalista do maniqueísmo que compreende o mundo sensível como matéria pré-existente, Agostinho insurge com um concepção cosmológica-filosófica-transcendental do universo, isto é, tendo como princípio judaico-cristão da criação *ex nihilo*, ou seja, de que Deus fez todas as coisas a partir do nada, desse modo, sem precisar de nenhuma matéria pré-existente” (COSTA, 2010 p.139).

com estado de humildade, mas ainda existia algo que o inquietava, era o fato de não compreender claramente ainda a origem do mal, pois já não mais aceitava a doutrina maniqueísta acerca do mal.

Mas quem me criou? Não foi o meu Deus, que não somente é bom, mas é ele a própria bondade? Como explicar que a minha vontade tenda para o mal e não para o bem? Será isso talvez uma punição justa? Quem plantou em mim esses germes de sofrimento e os alimentou, uma vez que sou criatura do meu Deus que é cheio de amor? Se foi o diabo, de onde vem ele? Se também ele se tornou diabo por sua própria vontade perversa, ele que era um anjo bom inteiramente criado por um Deus de bondade, de onde lhe veio essa vontade má que o tornou diabo? (AGOSTINHO, Confissões, VII, 3, 5, 2002, p.173).

Desse modo, Agostinho começa a compreender as verdades sobre a busca da compreensão do mal, que se dava mediante o entendimento de que Deus era um ser incorruptível, e que o mal poderia atingir a sua criação que é corruptível, mas que não afetaria de forma alguma a substância divina, entendendo assim que a substância corruptível não era Deus. Apesar disso, ainda não havia encontrado resposta para o mal, o que o faz questionar;

Eis Deus, e eis as suas criaturas. Deus é bom, poderosíssimo e imensamente superior a elas. Sendo bom, criou coisas boas, e assim as envolve e completa. Mas então onde está o mal, de onde veio e como conseguiu penetrar? Qual a sua raiz, qual a sua semente? Ou talvez não exista? Por que tememos então e evitamos o que não existe? (AGOSTINHO, Confissões, VII, 5, 7, 2002, p.175).

Sendo assim, por meio do contato com as obras neoplatônicas, Agostinho consegue desenvolver uma nova concepção acerca de Deus e da existência do mal, de acordo com Fagner Veloso da Silva:

Ao contemplar a criação de Deus, o Doutor da Graça observou a transitoriedade dos seres. [...] Sendo assim, só Deus existe absolutamente, pois, ele é o único ser que permanece imutável. As coisas por existirem são boas, mas por não serem o que Deus é, são passíveis de corrupção. Se não se corrompessem, seriam sumamente boas e imutáveis, sendo consequentes iguais a Deus (SILVA, 2016, p. 72).

Sobre o que foi citado, Agostinho percebe que todas as coisas criadas por Deus são mutáveis e transitórias, porém, boas. Se elas não fossem boas nada haveria que corromper. Sendo assim, Agostinho iniciou seu processo de percepção do mal, não mais como uma substância, nem dependência ontológica, e nem como existência própria, ou seja, o mal dentro da concepção de Agostinho seria a corrupção dos seres, em tese, a diminuição da sua qualidade de bem.

Vi claramente que as coisas corruptíveis são boas. Não se poderiam corromper se fossem sumamente boas, ou se não fossem boas [...]. A corrupção de fato é um mal, porém, não seria nociva se não diminuísse um bem real. [...] todas as coisas, pelo fato de existirem, são boas. E aquele mal, cuja origem eu procurava, não é uma substância. Porque, se o fosse, seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível e portanto um grande bem; ou seria substância corruptível, e então, se não fosse boa, não se poderia se corromper (AGOSTINHO, Confissões, VII, 12, 18, 2002, p.187-188).

Portanto, Agostinho percebe que o mal não se tratava de uma substância, mas de uma perversão da vontade, ou seja, o mal se apresenta no indivíduo que permanece mais longe de Deus e mais perto das coisas inferiores por meio da sua própria vontade livre de escolher por bens corruptíveis. Em suma, Agostinho entende e percebe que, a distância de Deus é fator determinante para a existência do mal, ou seja, a corrupção, degradação e perversão do que é bom, produzindo assim a quase anulação da existência daquele que se afasta de Deus.

4 LIVRE-ARBÍTRIO: RESPOSTAS AO PROBLEMA DO MAL

Na busca por respostas ao problema do mal, Agostinho escreve o livro *O Livre-arbítrio*, livro este que tem papel fundamental na compreensão dos argumentos, soluções e conclusões acerca do mal a que o filósofo africano chega. Pois bem, inicialmente o retórico de Hipona, influenciado pelos escritos de Platão, desenvolve seu pensamento por meio da dialógica, ou seja, um diálogo construído por cadeias de argumentos que vão se ramificando até sua conclusão. Ele desenvolve isso com o auxílio de um interlocutor, que é o seu amigo Evódio⁶, na busca da defesa da ideia de que o pecado, ou seja, o mal, provém do livre arbítrio, que conseqüentemente é praticado pelo homem, que por meio da sua vontade pode decidir pelo sumo-bem (Deus) ou pelos bens inferiores. Entretanto, isso não traz luz plena ao problema, pois, se o mal vem da livre escolha do homem, e o homem foi criado por Deus, então Deus seria o autor do mal? Agostinho nega que o mal provenha de Deus, pois sua defesa é de que o mal provém do homem e deve ser procurado nele, e não em Deus, pois suas escolhas não são influenciadas ou manipuladas por Deus. Sendo assim, o livre-arbítrio é um bem mediano, mas necessário para reciprocidade da verdadeira liberdade de escolha de suas criaturas para com o criador, pois se assim não o fosse seríamos como os animais, desprovidos de alma e, por conseguinte, de liberdade. O Hiponense reitera; **“Por qual motivo agimos mal? [...] se o pecado procede dos seres criados por Deus, como não atribuir a Deus os pecados, sendo tão imediata a relação entre ambos?”** (AGOSTINHO, 1995, p.28 [negrito nosso]).

Pois bem, sendo Deus bom, poderoso e presciente, jamais criaria algum mal em si, ou seja, tudo que Deus criou é bom, assim como o livre-arbítrio, que é a livre vontade de escolha do homem. Desse modo, Deus não criou nada que fosse mal, mas o que existe é uma livre ação em escolher bens menores, ou seja, o mal, portanto, não está nas coisas em si, mas nas decisões que tomamos para usá-las.

No mundo dos corpos, há muitas coisas das quais podemos fazer mau uso; isso não é razão para dizer que elas são más e que Deus não deveria tê-las nos dado, pois, tomadas em si mesmas, elas são bens. Por que não haveria na alma bens do mesmo gênero, ou seja, dos quais poderíamos fazer mal uso e que, contudo, uma vez que são bens, não podem ter sido dados a nós senão pelo autor de todo bem? É uma grave diminuição para um corpo humano ser privado de suas mãos; as mãos são algo bom e útil; contudo,

⁶ “A obra, em forma dialogada, é em grande parte o relato das conversas de Agostinho com *Evódio*, seu amigo e contemporâneo. Era este já homem formado, quando conheceu Agostinho. Fora a princípio militar, tendo depois se dedicado às Letras. Convertido em Milão, recebeu o batismo pouco antes de Agostinho. Ficou a seu lado, após a morte de Mônica, em Roma, e em seguida foi para Tagaste, participar de primeira comunidade de monges. Mais tarde, em 396, tornou-se bispo de Upsala, perto de Útica, na África proconsular” (OLIVEIRA, 1995, p.12).

aquele que comete com elas ações criminosas ou vergonhosas usa-as mal (GILSON, 1995, p.276).

Nesse sentido, o livre-arbítrio é a liberdade de decisões que podem ser boas ou más, mas que são necessárias para a escolha voluntária, ou seja, apesar dos perigos que a liberdade traz, tudo isso é essencial para o maior dos bens que pode acontecer; a “beatitude”⁷.

Em si, a vontade livre não poderia ser um mal; tampouco é um bem absoluto, como a força, a temperança ou justiça, dos quais não se poderia fazer mau uso sem destruí-los; ela é um tipo de bem mediano, cuja natureza é boa, mas cujo efeito pode ser mau ou bom segundo a maneira pela qual o homem o usa. Ora, o uso do livre-arbítrio está à disposição do próprio livre-arbítrio (GILSON, 1995, p.277).

Sendo assim, o mal procede do livre-arbítrio, ou seja, o mal moral (pecado) e as más ações procedem de uma vontade livre e má, e esse mal condiciona o homem ao distanciamento das coisas eternas, afastando-o, pois, do próprio Deus. Posto isso, pode-se entender que o mal não provém de Deus, mas da vontade livre que é usada de mau modo.

5 LIVRE-ARBÍTRIO: RESPOSTA PELO CRER E ENTENDER

Ademais, as objeções de Evódio surgem ao longo do percurso traçado por Agostinho na busca da resposta sobre a origem do mal, sendo desenvolvido também no livro II do *O Livre-Arbítrio*, a saber: “Acaso alguém poderia viver mal, em virtude da sua retitude? Do mesmo modo, ninguém deveria poder pecar por meio da sua vontade, caso esta lhe tivesse sido dada para viver de modo honesto”. Sendo assim, Agostinho responde a tal objeção partindo do ponto de vista de Deus, dizendo:

Mas sendo certo que o próprio Deus nos deu essa vontade livre, qualquer que seja a forma como recebemos esse dom, devemos confessar que Deus não estava obrigado de no-lo dar como foi dado nem de modo diferente. Na verdade, quem no-lo deu foi Aquele a quem de modo algum podemos criticar com justiça as ações (AGOSTINHO, *Livre-Arbítrio*, II, 2, 4, 1995, p.76).

A segunda condição de resposta de Agostinho não está condicionada apenas à fé, mas à procura do seu entendimento, “Pois não se pode considerar como encontrado aquilo em que se acredita sem entender. E ninguém se torna capaz de encontrar a Deus se antes não crer no que há de compreender” (AGOSTINHO, *Livre-Arbítrio*, 1995, II, 2, 6, p.79).

Em seguida, Agostinho reitera que Deus existe e que todos os bens procedem de Deus, inclusive o livre-arbítrio. Mas, se tudo provém de Deus, como o livre arbítrio pode ser um bem? Se é por meio dele que o homem peca? Agostinho

⁷ A felicidade tinha, na época vivida por Agostinho, duas concepções distintas as quais poderiam ser expressas, conforme cita Beraldi (2010, p.12). A primeira provém de *felix*, contendo o significado de “fértil” ou “fecundo”, remetendo-se à terra e seus frutos, e com isso, interpreta-se também como “afortunado” ou “próspero”. Já a segunda forma é *beatitud* em que o verbo *beo* significa “encher”, “completar”. Portanto, quando se encontra *beatitudo* temos a ideia de felicidade vinculada à plenitude. Por sua vez, Sangalli (1998), traz que “a primeira ideia é a de que a felicidade é o bem supremo, em outras palavras, o melhor e mais alto bem e, depois, a ideia de que ‘viver bem e ir bem equivale a ser feliz’” (SOUZA, 2015, p.11)

responde essas questões demonstrando a crença com a fé inabalável de que todos os bens provêm de Deus.

Tem coragem e conserva a fé naquilo que crês. Nada é mais recomendável do que crer, até no caso de estar oculta a razão de por que isso ser assim e não de outro modo. Com efeito, conceber de Deus a opinião mais excelente possível é o começo mais autêntico da piedade. 6 E ninguém terá de Deus um alto conceito, se não crer que ele é todo poderoso e que não possui parte alguma de sua natureza submissa a qualquer mudança (AGOSTINHO, *Livre-Arbitrio*, I, 2, 5, 1995 p.29).

Ainda assim, ele entende que a vontade não pode ser desprovida de ausência, pois tudo que Deus fez é bom, entretanto tal bem (livre-arbitrio) não pode ser um bem superior, pois se assim o fosse seria igual a Deus, o que seria um absurdo. Em outras palavras, a vontade livre é um bem que ocupa um grau de medianidade, ou seja, o livre arbitrio na filosofia agostiniana, assim como todos os outros bens, não pode ser um bem perfeito de modo que seja igual a Deus.

6 LIVRE-ARBÍTRIO- LIVRO III: O MAL COMO ESCOLHA LIVRE

Em seu III livro de *O Livre-Arbitrio*, Agostinho levanta novas ideias acerca do livre arbitrio, pois ele chega à conclusão de que Deus é onisciente e sabedor de todas as coisas de maneira antecipada, entretanto ele levanta o seguinte questionamento: como posso ser livre para decidir, se Deus sabe tudo que vai acontecer? Ao que ele mesmo responde: se alguém faz o bem ou mal, isto é conhecido de Deus anteriormente, mas isso não quer dizer que alguém não tem a possibilidade de escolher, apesar de Deus conhecer como um fato todas as escolhas futuras, pois Deus está totalmente desprendido dessa nossa realidade limitada do tempo como passado, presente e futuro. Sendo assim, Deus, através da sua presciência, enxerga tudo que existe no passado, presente e futuro como algo concreto e extático, mas que não o faz necessariamente autor de todas as escolhas do homem, além de não existir indução ou manipulação quanto a vontade de boas ou más decisões.

Explicando, essa questão não pode ser enxergada como o mal em Agostinho, mas como uma possibilidade que é necessária para a livre vontade, que é, por sua vez, o livre-arbitrio considerado um bem médio, ao qual podemos fazer escolhas de bens inferiores e nos afastarmos de Deus, ou optar pelos bens superiores que é Deus, ou seja, o sumo-bem. Em suma, de onde vem o mal? Gilson desenvolve muito bem isso acerca da conclusão agostiniana dizendo:

[...] o movimento da queda original não tem outra origem a não ser o nada, ou seja, o não-ser. Como não sendo nada, o pecado teria uma causa eficiente? É apenas uma deficiência de causa que pode ser posta em questão (GILSON, 1995, p.139).

Em outras palavras, o mal (pecado) não foi criado, não é corpóreo e não existe em si, o mal é a ausência de bem maior, ou seja, do sumo-bem, a saber Deus.

Buscar a causa de uma falta ou de uma falta de ser é buscar uma causa positiva do silêncio ou das trevas. O silêncio é apenas uma ausência de som; as trevas são apenas uma ausência de luz; paralelamente, podemos dizer, o pecado é em nossa vontade tão-somente uma ausência de amor por Deus. Mutável, porque criada do nada e, conseqüentemente, imperfeita, nossa vontade somente pode ter se deixado cair do criador às criaturas para

introduzir em si e no universo a desordem inicial do pecado (GILSON, 1995, p.139).

Por fim, Agostinho desenvolve seu argumento acerca da origem do mal tendo com pilar a plenitude divina, tendo Deus como um ser supremo que é infinitamente bom, infinitamente poderoso e infinitamente presciente. Dessa maneira, o Deus crido e entendido por Agostinho sofre algumas objeções, dentre elas está a seguinte: como Deus pode existir mutuamente com a existência do mal? Deus criou todas as coisas? E porque o mal existe, se ele é bom? O livre-arbítrio é um bem? Como Deus não pode ser um Deus manipulador se ele conhece o futuro?

Muitos questionamentos vieram a Agostinho, de modo que ele foi respondendo um a um, entendendo ao fim que é possível a existência de Deus, ou melhor, essa existência de Deus é necessária e certa, pois sem ela nada poderia existir, ao seja, Deus é o Ser, e nada pode estar fora do Ser, aquilo que está fora é o não-ser, de modo que não pode ser acessado, pois não existe e não é.

Em suma, Agostinho defende a ideia de que o mal não é uma criação de Deus, assim como os animais e nós, seres humanos somos. O mal para Agostinho não tem corpo ou forma, não podendo ser enxergado, assim como se enxerga os objetos. O mal é descrito por Agostinho como a ausência de Deus, ou seja, a privação de Deus. Agostinho escreve: “Mas o mal consiste na aversão da vontade ao Bem imutável para se converter aos bens transitórios” (AGOSTINHO, livre-Arbítrio, II, 19, 53, p.142).

Desse modo, a existência do mal se dá exclusivamente pela existência do bem, pois o mal é a livre vontade de escolha dada por Deus ao homem, de modo a entregar o livre-arbítrio, ou seja, a liberdade de escolha que pode ser exercida pelo homem na busca pelos bens inferiores (corrupção) ou pelos bens superiores (incorruptível-Deus). Essa liberdade de escolha é necessária e importante dentro da filosofia de Agostinho, pois sem ela não era possível existir a beatitude, ou seja, o ato de bondade voluntário do homem para com Deus, pois se assim não o fosse não saberíamos o que é bondade, amor, gentileza, compaixão etc. De modo que seríamos como marionetes que são meramente manipuladas pelo seu criador, isto é, todo traço de liberdade seria uma farsa. Sendo assim, Deus estabelece o livre-arbítrio para entregar ao homem uma vontade genuína e originária do agir bem.

7 CONCLUSÃO

Sem dúvida, o problema do mal é um dos maiores desafios da filosofia agostiniana. O Bispo de Hipona desenvolve, por meio dos seus argumentos, ideias que refutaram diversas vertentes como, por exemplo, o paradoxo de Epicuro, que tentava negar a ideia de um deus todo poderoso, bom e presciente que não convivia com a existência do mal. O maniqueísmo que defendia a ideia de um mundo dualista, defendendo a ideia de um equilíbrio cósmico pelo conflito entre o bem e o mal; e, por fim, o neoplatonismo de Plotino, que já defendia a ideia de um deus supremo do qual emanava todas as coisas, o que contribuiu para o pensamento agostiniano, mas que defendia a ideia de um mal natural, ideia que é veementemente negada por Agostinho.

Por fim, Agostinho desenvolve seu pensamento pautado na defesa de um Deus bom, todo poderoso e conhecedor de todas as coisas, mesmo com a existência do mal. Pensamento que é concluído com a tese de que o mal não pode existir como matéria, ou seja, o mal não é criado, o mal é a ausência do bem. Ademais, o mal existe não pela vontade de Deus, mas pelo livre-arbítrio que é um

bem mediano e necessário para o alcance da beatitude, a escolha livre e possível de decidir pelo bem, pois se assim não o fosse não saberíamos sequer distinguir o que é bom do que é mal.

Conclui-se que a filosofia agostiniana é de fato fundamental para a compreensão tanto da existência ontológica de Deus, como também do entendimento acerca do “problema do mal”. Sem dúvida agostinho tem um dos pensamentos mais sólidos em toda tradição filosófica sobre esse tema, de modo que se pôde observar seus questionamentos antes mesmo de sua conversão ao cristianismo, e boa parte de sua trajetória como filósofo e teólogo, até chegar em respostas satisfatórias que pudessem repousar seu coração e levá-lo ao entendimento em Deus.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002 (bolso). 397 p.

AGOSTINHO, Santo. **Livre-arbítrio**. Tradução de Ir. Nair de Assis Oliveira. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1995. 296 p.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**. Tradução de Raimundo Vier, O.F.M Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Tempo E Eternidade Em Santo Agostinho**. *Mirabilia: Electronic Journal of Antiquity and Middle Ages*, [en línea], 1, n.º 11, p. 136-55, <https://raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/>. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/283188>. Acesso em: 9 jan. 2022.

COSTA, M.R.N.; BRANDÃO, R.E. **A Teoria da Criação, segundo Santo Agostinho**. Universidade Católica de Pernambuco, n. 20, p. 2, jan. /jun. 2007. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/download/82/76/258>. Acesso em: 4 jan. 2022.

COSTA, Marcos R. N. **O problema do mal na polêmica antimaniquêia de Santo Agostinho**. Porto Alegre: EDIPUCRS/UNICAP, 2002.

EPICURO; LUCRÉCIO CARO, Tito; TÚLIO CÍCERO, Marcos; ANEU SÊNECA, Lúcio; AURÉLIO, Marco; CIVITA, Victor. **Epicuro - Lucrécio - Cícero - Sêneca - Marcos Aurélio**. Tradução de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna. ed.3. São Paulo: Abril Cultural, 1985. 591 p. *E-book*.

EPICURO. Deus, ou quer impedir os males e não... Epicuro. **Pensador.com**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTUzMzg/>. Acesso em: 4 jan. 2022.

FEITOSA, Zoraida Maria Lopes. **A questão da acrasia na filosofia de Platão. Prometeus filosofia**, [S. l.], ano 2017, p. 15, 1 maio 2017.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1995. 465 p.

GUTIÉRREZ, Jorge Luís. **O protréptico de Aristóteles, o hortênsio de Cícero e a referência de santo agostinho às ilhas dos bemaventurados no livro de trinitate**. Basífade – Revista de Filosofia, Curitiba, ano 2021, v. 3, p. 1-16, 10 jan. 2021. *E-book*.

PLOTINO. **PLOTINO: Enéadas I e II**. Tradução de Juvino, A. Maia. Ideia Editora. Disponível em: <<https://www.ideiaeditora.com.br/produto/eneadas-i-e-ii-plotino/>>. Acesso em: 4 jan. 2022.

PLOTINO. **Tratados das Enéadas**. Tradução Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2000. 188 p.

SILVA, Fagner Veloso. **O problema do mal no livro VII das Confissões de santo Agostinho**. 2016. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Ciências das Religiões – Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, [S. l.], 2016. *E-book*

SOUZA, Alda Maria S. **Agostinho para além do referencial neoplatônico: a necessidade da mediação**. 2016. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Grau de Licenciatura Plena em Filosofia.) - FACULDADE DE SÃO BENTO, [S. l.], 2016. *E-book*.

SOUZA, Alisson. **A beatitude na obra a vida feliz de santo Agostinho**. 2015. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Grau de Bacharelado em Teologia.) - Centro Universitário – Católica de Santa Catarina, [S. l.], 2015. *E-book*.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me permitiu chegar ao fim desta caminhada, me sustentando em todos os momentos, colocando em meu caminho pessoas essenciais, com valores inestimáveis.

A minha esposa Raylla por todo amor, carinho e cumplicidade, durante toda jornada.

A minha Mãe Cristiane, meu Pai Valdir e minhas irmãs Ana Vitória e Monalisa, assim como todos os familiares que me incentivaram, e de alguma forma me motivaram a permanecer firme durante todo esse tempo.

A todo o corpo docente e administrativo da coordenação do curso de Filosofia pelo empenho e disponibilidade. A minha orientadora, Professora Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, pelas leituras sugeridas, e paciência durante todo processo de orientação, pela maneira séria e respeitosa com que sempre me tratou e conduziu meu trabalho, meu profundo agradecimento e reverência.